

A linha de devir e o desenho político-pedagógico da *Primavera Autista*

The line of becoming and the political-pedagogical design of the *Autistic Spring*

La línea del devenir y el diseño político-pedagógico de la *Primavera Autista*

Perolina Souza Teles¹ 

¹ Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Perolina Souza Teles

Email: perolinasouza@hotmail.com

Como citar: Teles, P. S. (2025). A linha de devir e o desenho político-pedagógico da *Primavera Autista*. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 18(37), e24246. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v18i37.24246>

RESUMO

O movimento, aqui denominado como *Primavera Autista*, adquire essa categorização diante da sua emergência, a partir do uso das redes sociais por jovens e adultos autistas. A *Primavera Autista*, enquanto acontecimento político-pedagógico, apresenta-se como uma possibilidade para autistas trazerem suas perspectivas, vivências e desafios diante do diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), evadindo da patologização e do paradigma biomédico que os classifica. Esse movimento assume a linha de devir que, de acordo com Deleuze e Guattari (2012b), é um rizoma e não uma árvore classificatória ou genealógica. O presente artigo objetiva elucidar o desenho político-pedagógico da *Primavera Autista*, a partir de discursos de 5 jovens e/ou adultos autistas, que foram convidados a participar desta pesquisa pelo potencial de sua atuação política no universo da rede social *Instagram*. Os dados foram coletados entre os meses de janeiro e fevereiro de 2024, a partir da realização de entrevistas semiestruturadas. Conclui-se que a *Primavera Autista* pode ser compreendida como uma possibilidade política de linha de fuga, em um espaço impregnado por estereótipos, que pode tão somente fixar as pessoas autistas em um molde identitário.

Palavras-chave: Autismo. Devir. Político-pedagógico. *Primavera Autista*.

ABSTRACT

The movement referred here as the *Autistic Spring* is categorized as such due to its emergence using social media by autistic youth and adults. As a political-pedagogical event, the *Autistic Spring* presents itself as a space for autistic individuals to express their perspectives, lived experiences, and challenges related to the diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD), moving away from pathologization and the biomedical paradigm that classifies them. This movement follows a line of becoming which, according to Deleuze and Guattari (2012b), takes the form of a rhizome rather

than a classificatory or genealogical tree. This article aims to elucidate the political-pedagogical design of the *Autistic Spring* based on the discourses of five autistic youth and/or adults, who were invited to participate in this study due to the political relevance of their activism on the social media platform Instagram. Data was collected between January and February 2024 through semi-structured interviews. The findings indicate that the *Autistic Spring* can be understood as a political possibility of a line of flight within a space permeated by stereotypes, which tend to fix autistic individuals within rigid identity frameworks.

Keywords: Autism. Becoming. Political-pedagogical. *Autistic Spring*.

RESUMEN

El movimiento, llamado aquí *Primavera Autista*, adquiere esta categorización debido a su surgimiento a partir del uso de las redes sociales por parte de jóvenes y adultos autistas. La *Primavera Autista*, como evento político-pedagógico, se presenta como una oportunidad para que las personas autistas compartan sus perspectivas, experiencias y desafíos frente al diagnóstico de Trastorno del Espectro Autista (TEA), alejándose de la patologización y del paradigma biomédico que las clasifica. Este movimiento sigue la línea del devenir que, según Deleuze y Guattari (2012b), es un rizoma y no un árbol clasificatorio o genealógico. Este artículo pretende dilucidar el diseño político-pedagógico del movimiento *Primavera Autista*, a partir de los discursos de 5 jóvenes y/o adultos autistas que fueron invitados a participar de esta investigación debido al potencial de su activismo político dentro de la red social Instagram. Los datos se recopilaron entre enero y febrero de 2024 mediante entrevistas semiestructuradas. Se concluye que la *Primavera Autista* puede entenderse como una posibilidad política de escape, en un espacio permeado por estereotipos que solo pueden encasillar a las personas autistas en un único molde identitario.

Palabras clave: Autismo. Devenir. Político-pedagógico. *Primavera Autista*.

INTRODUÇÃO

“Sejamos, por nossa vez, a primavera que planta o verde de uma vida nova sobre a acinzentado terreno da morte; e com o sangue que ofertamos pela justiça, criemos novos dias de beleza após tantas noites insones de horror”

(José Germain)

A primavera, enquanto inspiração de uma imagem poética, quiçá romântica, remete-se ao multicolor, aos cheiros diversos da floração, a um marco temporal de estação que todos os anos se repete no mesmo período e demarca a chegada da renovação. No entanto, para além da poesia singela contida na estação, a primavera também demarca o rompimento com o ar contido e frio do inverno. Com o objetivo de eclodir com as intempéries desta estação, o renovo avassalador da primavera é capaz de promover a mudança necessária, não só enquanto um fenômeno natural, mas também como uma condição fundamental para a transformação.

Essa contextualização se coloca diante do movimento político, denominado “Primavera dos Povos”, que tem sua origem no período de 1848. Momento no qual diversos países da Europa se revoltaram de forma simultânea contra o Absolutismo. Perante a fome, intempéries e condições adversas de existência, a população buscava melhores condições de vida. Apesar de difuso, existia uma tentativa central de pôr fim às monarquias. Observa-se também a chamada “Primavera Árabe”, que, de acordo com Sílvia Feraboli (2015), teve três precedentes históricos: as guerras de libertação das colônias hispano-americanas, da primeira metade do século XVIII; as revoluções europeias de 1848-1849; e a queda dos regimes no bloco soviético.

O movimento aqui denominado como *Primavera Autista*, adquire essa categorização diante da sua emergência, a partir do uso das redes sociais por jovens e adultos autistas. Mais do que um movimento identitário disperso, que se desnuda no campo da cibercultura, a *Primavera Autista* se apresenta como uma possibilidade real de autistas trazerem suas perspectivas, vivências e desafios com o diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), evadindo da patologização e do paradigma biomédico que os classifica e delimita em um Classificação Internacional de Doenças (CID).

Não obstante a moldura da identidade se mostre como uma tendência, o que a *Primavera Autista* apresenta é que esse efeito é composto por impossibilidades. Por isso, assume aqui a linha de devir que, de acordo com Deleuze e Guattari (2012b), é um rizoma e não uma árvore classificatória ou genealógica. “Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 20).

Portanto, este artigo tem como objetivo elucidar o desenho político-pedagógico da *Primavera Autista*, a partir de discursos de 5 jovens e/ou adultos autistas, que foram convidados a participar desta pesquisa a partir de sua atuação política no universo da rede social *Instagram*. Esses participantes demonstram que a principal atitude política deles é buscar pelas não-correspondências, em um território que é posto para o crescimento de raízes que se vinculam pela tendência de crescimento, contudo, sem um formato molar, mas sim rizomático.

Para tanto, este artigo está dividido nas seguintes seções: Material e Métodos, na qual será exposto o desenho metodológico do texto; Resultados e Discussão, que é o espaço destinado à abordagem dos discursos dos participantes e o tensionamento com o referencial teórico que embasa este escrito; e, por fim, Conclusões, que a seção destinada a tecer as considerações finais acerca da pesquisa realizada, denotando possibilidades de continuação para pesquisas vindouras sobre a temática.

MATERIAL E MÉTODOS

Dentre as problemáticas que envolvem a participação política nos movimentos de protesto que acontecem na rua e na internet, a exemplo dos movimentos primaveris, Isabel Babo (2017) afirma que é importante pensar se a incorporação da Internet nos processos comunicativos do ativismo denota mudanças nas ações coletivas pelos net-ativistas, fato que pode transformar o próprio ativismo. Ela questiona também a dimensão coletiva dessa ação e se a mesma está diante de novas formas de expressão individuais e coletivas. De acordo com essa autora, é importante pensar se o net-ativismo, ao reconstruir formas de militância, pode originar novas experiências de participação individual no coletivo e novas possibilidades de ação em público.

As reflexões dessa autora são consoantes com o ativismo praticado pelos participantes selecionados para a realização desta pesquisa¹. Os perfis foram eleitos a partir da rede social *Instagram*, considerando a forma como os mesmos interagem em suas redes sociais públicas, a exposição de partes de suas vidas, dúvidas e insatisfações em torno das questões que permeiam suas existências.

Foi ofertado previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a realização das entrevistas semiestruturadas, que ocorreram, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2024, de forma presencial e *on-line*. Enquanto estratégia de pesquisa, a entrevista “[...] é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (Gil, 2002, p. 117). O objetivo era ter um guia de perguntas e problematizações, mas com liberdade de abordar o tema proposto, conforme a fluidez da conversa com os participantes da pesquisa.

¹ A pesquisa foi submetida à análise da Plataforma Brasil em 10 de janeiro de 2023 e foi recebida para análise do Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe em 19 de janeiro de 2023. Foi aprovada pelo CEP em 17 de abril de 2023.

A amostragem foi composta da seguinte forma: 2 autistas sergipanos, matriculados na Universidade Federal de Sergipe, com os quais foram feitas entrevistas semiestruturadas presenciais, e 3 autistas de outros estados, com os quais também realizou-se entrevistas semiestruturadas – nesses casos elas foram executadas na modalidade *on-line*.

Todos os participantes tiveram suas identidades protegidas e recebem codinomes de cores, quais sejam: Cereja, Grafite, Rosa, Verde e Vermelho. Para realizar esta escolha levou-se em consideração os seguintes critérios, objetivando categorizá-los como influenciadores digitais: protagonismo de ideias; diversidade étnica e de gênero; capacidade de engajamento; potencial na difusão de informações sobre expressões do autismo, dentro e fora das redes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Deleuze e Guattari (2012b) afirmam que uma linha de devir não pode ser definida por pontos, ligados por uma linha, ela passa entre os pontos, crescendo pelo meio. Portanto, a partir do “Ponto”, que de acordo com esses autores é sempre de origem, passa-se pela identidade, para chegar a uma perspectiva de linha de devir que, também pelas palavras deles, não tem partida, nem chegada. “Uma linha de devir só tem um meio. O meio não é uma média, é um acelerado, é a velocidade absoluta do movimento. Um devir está sempre no meio, só se pode pegá-lo no meio” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 96).

Sob a guarda desse referencial teórico, busca-se encontrar um terreno fértil, porém descampado, limpo, liso, pronto. É desse movimento que surge o *Devir Autista*, enquanto linha de fuga, por não ser algo facilmente localizável, está na fronteira.

Assim, conhecer um pouco sobre o autismo é entender que ele pode se manifestar de diferentes maneiras na vida das pessoas e, a depender de múltiplos fatores, revela um modo de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, de um jeito singular, que não é igual para todos, mas que bordeia algumas peculiaridades em comum, nos entretons que nos tornam seres humanos, cujo maior atributo é a diferença que se diferencia em sua própria diferença (Orrú, 2024, p. 122).

Para alinhar essas percepções, adentra-se em um universo, no qual atualmente debates e tensões sobre o autismo ocorrem com mais afinco. Mas que também se apresenta como um lugar de encontros, de reconhecimento, identificações e achados de semelhantes, gerando uma conotação de pertencimento. Deleuze e Guattari (2012a) afirmam que é comum que um grupo ou um indivíduo funcione como linha de fuga. É nas redes sociais que o ativismo autista performa como tal, operando enquanto um movimento político.

Quanto às linhas de fuga, estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 85).

Durante a sua entrevista, Rosa conta como iniciou sua imersão no universo das redes sociais, ressaltando o quanto isso foi importante para que ela pudesse estabelecer conexões que a levaram a se tornar uma das responsáveis pela criação da página “Primavera Autista: todas as cores do autismo”, no *Facebook*.

Porque, aí depois né, naquela época do Orkut. Desde que eu soube que era isso mesmo, comecei a ir atrás de grupos que tinha na época do Orkut. Entrei em vários grupos: Autismo, Asperger, como chamava à época. Mas foi somente já adulta, foi em 2014, quando eu tava já sabendo falar inglês, que descobri a comunidade internacional, que aí eu tive acesso a um monte de

informações, que não eram disponíveis para mim quando eu era criança, adolescente. Um monte de coisa que teria mudado completamente a minha vida, que teria sido completamente diferente. Fonte: Rosa (2024).

Rosa relata que esse projeto foi pensado em 2015, por 5 jovens autistas, para falar sobre “Todas as cores do autismo”, com a seguinte apresentação: “Página dedicada a divulgar falas, escritos e ações de pessoas autistas em português. Essa página é gerenciada por pessoas autistas”. Não obstante a beleza impressa pelas cores, a *Primavera Autista*, seja enquanto página nas redes sociais, seja por meio das falas de Rosa, passa longe de toda e qualquer possibilidade de romantização, espetacularização ou glamourização do autismo.

Observa-se, com entusiasmo, a compreensão de Cereja, que indica a ideia de devir em sua fala: *Se entender autista é importante? Foi importante e tá sendo importante. Eu acredito que é sempre um processo, não é nunca algo que foi e que acabou, é que tá sendo. Fonte: Cereja (2024).*

O mundo, que agora não é mais composto apenas por mediações analógicas, tem se constituído também no espaço virtual, no qual os processos de subjetivação dos participantes se expõem nas interações virtuais. Nesses espaços de insurgência, as pessoas podem tecer novas relações, em busca de uma ideia de libertação de seus medos e constituição de outras vivências. Conforme observa-se no relato de Cereja e Verde:

Para eu entender depois que eu não tinha de fato um problema foi bem mais difícil. Então, eu precisei ter contato com outras pessoas neurodivergentes, eu precisei me afirmar, me reafirmar enquanto autista, eu precisei ler sobre a inclusão, lutar pelos meus direitos, e isso foi sendo construído pouco a pouco e eu acredito que eu ainda tô nesse processo de construção, porque não é fácil... Fonte: Cereja (2024).

Eu acho que é bem legal esse lance de algumas pessoas com TEA nas redes sociais. Pelo menos algumas delas. Tem pessoas com TEA que são legais e tem aquelas mais radicais que acaba infelizmente não respeitando uma outra e acaba não representando a comunidade, mas tem várias pessoas que se destacam e que eu gosto bastante. Porque mostra o dia a dia delas, mostram como elas são felizes, mostram os direitos delas. E eu acho que isso é bem legal porque mostra mais a independência e mostra que cada autista é único. Que não tem só esse negócio de ‘anjo azul’, que não tem só esse negócio de autismo de suporte 3 e tals, que autista nível 1 é fácil (que não é, todos nós já sabemos). E assim por diante, mostra ali a diversidade das pessoas com autismo nas redes sociais. Fonte: Verde (2024).

Félix Guattari (2012) afirma que é desafio dos nossos tempos pensar em dispositivos de produção de subjetividades, com o objetivo de ressingularização individual e coletiva. Esse autor fala sobre a expansão coletiva de uma “Subjetividade assistida pelo computador” (Guattari, 2012, p. 21). Com efeito, ressalta-se aqui a prática do net-ativismo, realizado pelos jovens que foram entrevistados, como uma intenção de romper com os desafios que se impõem através do poder planificador das mídias e das *big techs*. De acordo com Guattari (2012, p. 14):

A juventude, embora esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário, e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia, nem por isso deixa de desenvolver suas próprias distâncias de singularização com relação à subjetividade normalizada.

Conforme o pensamento de Massimo Di Felice (2017), localiza-se os participantes da pesquisa dentro de uma perspectiva de “Net-ativismo dialógico” que “[...] exprime-se em uma dimensão de interações participativas complexas que começavam *on-line*, estendiam-se nas ruas e nos espaços públicos, sempre continuando sua dimensão conectiva e digital” (Di Felice, 2017, p.

185). Esse entendimento fica evidenciado nas estratégias de atuação dos autistas nas redes em torno de diálogos sobre assuntos em comum e interações que movimentam arquiteturas, dados e territorialidades.

O entendimento sobre a definição de redes se coaduna com a ideia descrita por Isabel Babo (2017, p. 78), “A rede significa, em suma, circular e interconectar, mas igualmente reter, de acordo com seu uso primitivo, no sentido que o tecido que se junta também entrava e aprisiona”. Foi a partir desse sistema que os participantes foram selecionados e que destina-se a atenção aos mesmos, especialmente porque também se configuram dentro de uma perspectiva de não-linearidade, funcionam com suas conexões de forma rizomática.

Fernanda Bruno (2008) compreende que, na contemporaneidade, é possível observar indicadores de classificação e indexação também em instâncias menores, perpassando por subjetividades que, de acordo com essa autora, são “coletáveis” por padrões, denominados como perfil. “O perfil é, portanto, uma espécie de mosaico de traços que não concernem a um indivíduo particular e suas características intrínsecas [...] expressam relações entre indivíduos, sendo, portanto, mais interpessoal do que intrapessoal” (Bruno, 2008, p. 02). Segundo a autora, o principal objetivo da criação de um perfil é usar um conjunto de informações pessoais para agir sobre indivíduos similares, antecipando um comportamento, um gosto, um interesse potencial.

Ela indica como fator decisivo dessa mudança comportamental o crescimento e a difusão das tecnologias e redes digitais de comunicação e de informação. O movimento algorítmico das redes proporciona a coalisão de pares, de perfis que atuam de maneira performativa, que se movimentam em torno de territórios comuns, fato que os participantes ponderam, em certa medida, como algo positivo. Como é possível observar na fala de Cereja e Grafite:

Eu acho importante, porque para me reconhecer enquanto autista, eu precisei antes de outros autistas que fossem ativistas, que tivessem ali falando sobre a causa. Não que eu não fosse autista antes, mas era um motivo de vergonha e aí depois quando você começa a ver pessoas falando sem tabu sobre isso, você vê que a sua existência não é um motivo de vergonha, por isso que é importante [...] A mensagem que eu tento passar é, eu tento mostrar como é que é o autismo na vida real, porque as pessoas tem muitos pensamentos romantizados do que pode ser, ou que é uma coisa terrível, ou que é uma coisa angelical. Aí eu tento mostrar que não, que não é nem uma coisa nem outra, é só uma coisa. E aí é essa mensagem que eu tento passar, mostrando às vezes meu dia a dia. Fonte: Cereja (2024).

Eu percebo como, assim como em relação a outras causas, existe uma certa fragmentação, o que até certo ponto é natural. Mas, eu também percebo como algo muito positivo, como inclusive um exercício de autocompreensão, um exercício até catártico mesmo, porque a gente percebe a importância do diagnóstico, a gente percebe a importância de compartilhar as nossas experiências ou algumas delas, dentro das nossas manifestações, do nosso possível, do nosso emocional. Então, eu passei muito tempo processando o meu diagnóstico, na fase de luto, como a gente chama, e eu só comecei a dar mais atenção, realmente, quando eu conheci, através das redes sociais outros autistas que falavam sobre si, sobre suas experiências, então foi um momento muito importante que eu fui saindo da fase do luto e entrando na fase da auto compreensão e só depois que eu comecei a interagir com muita dificuldade com essas pessoas, foi que eu tomei coragem de falar abertamente sobre meu diagnóstico e de tentar ocupar um espaço parecido, no sentido de tentar reeducar mesmo algumas pessoas, nessa perspectiva de o quanto o autismo é diverso e esse ativismo é muito importante porque tira a gente de um lugar de culpa, tira a gente de um lugar de subalternidade, tira a gente de um lugar de vítima até, para um lugar de certo protagonismo, de certa representatividade e cada um na sua área fazendo muitas dessas pessoas, um trabalho incrível em relação à divulgação de informação, informação de qualidade, baseada em estudos, em evidência científica, e também nas suas próprias experiências empíricas, porque também é importante, esse reconhecimento e eu acho que isso enriquece muito e tira muito nosso peso, a nossa culpa de ter vivenciado todo esse

estranhamento por tanto tempo e eu acho que é a principal função da informação é ajudar a gente, auxiliar nesse sentido de se desculpar, toda uma sensação estranha que a gente cresceu vivendo com ela. Fonte: Grafite (2024).

As redes figuram também como um território de disputa, que perpassa por fatores como enfrentamento de discurso de ódio; pessoas que acreditam que podem invalidar a opinião alheia sob a justificativa do conceito de “Lugar de fala”; e, o principal, o mercado que se sustenta a partir dos direcionamentos algorítmicos. Nesse campo, o autismo, como qualquer assunto, que tem sempre muita gente com algo a dizer, não está isento de se expor a essas influências.

Diante do exposto, são principalmente as pessoas autistas, que se colocam nesses espaços buscando promover diálogos com a sociedade, a partir do net-ativismo, que mais sofrem com todo esse universo. Se por um lado, suas vozes alcançam mais pessoas - aqui reforça-se o entendimento de que, através das redes, pessoas que não são autistas também estão juntas nesse processo de inclusão e de rompimento do modelo médico. Por outro, as crises e as sobrecargas sensoriais se tornam mais frequentes em autistas, devido ao excesso de exposição nas redes e nas telas. É possível observar essa problemática na fala de Grafite:

Eu acho que o principal desafio é a falta de bom senso e de interpretação de texto de muitas pessoas, porque a internet como um espaço democrático, um espaço de construção compartilhada, veicula uma série de informações e hoje com tantas redes sociais facilita o acesso e uma certa difusão de informações por algumas pessoas que são extremamente irresponsáveis e mal-educadas mesmo, quando não criminosas na sua atuação com outras pessoas. Então, uma das primeiras coisas que me preocupou em falar abertamente sobre meu diagnóstico, seria como algumas pessoas poderiam se comportar em resposta a isso. Tanto que eu tinha um perfil fechado, em que eu não aceitava outras pessoas porque eu tinha esse receio, essa aparente pequena situação de possibilidade de ser confrontada mesmo em um ambiente virtual, já me deixava em situações possíveis de crise. Mas quando eu comecei a falar aos poucos das minhas experiências, de coisas que eu vinha aprendendo e percebendo, outros colegas autistas acabavam me pedindo para abrir o meu perfil do Instagram para compartilhar com outras pessoas que eles conheciam e no começo foi muito difícil. Eu tive muita resistência, porque entrar em conflito com outras pessoas, mesmo que seja nas redes sociais, é uma situação que me deixa em crise e, por outro lado, foi um processo que me trouxe experiências positivas. Eu ainda não sei lidar com esses comentários, ou com possíveis situações de confronto, eu tenho uma estratégia para isso, eu acabo bloqueando ou apagando, bloqueando essas pessoas ou apagando determinados comentários ou fico sem usar as redes sociais por alguns dias, até me regular novamente. Mas, foi um movimento interessante e importante também no ganho de experiências positivas, apesar de imprevisíveis, eu conheci minha namorada por rede social, nesse processo de tá compartilhando, a gente se conheceu assim, que também é uma pessoa autista e tem sido um exercício, principalmente nessa questão da imprevisibilidade, não tem como a gente lidar com previsibilidade em relação ao comportamento dessas pessoas, principalmente porque muitas são maldosas mesmo e isso gera uma certa ansiedade na gente, a ponto de acabar culminando em crises. Fonte: Grafite (2024).

A fala de Grafite expõe diretamente questões que trazem à tona desafios atuais no uso das redes. São problemáticas do nosso tempo, que revelam que, por mais que os participantes reconheçam os pontos positivos na utilização das redes sociais, por outro lado a exposição de seus nomes, de partes de suas vidas e opiniões os deixam vulneráveis a ataques, cobranças e expostos à atuação de *hater*², entre outras situações. É relevante ressaltar que os participantes, que são tidos como influenciadores, tornaram-se amplificadores de uma causa, como uma atividade que, em

² Traduzido literalmente para o português, é possível entender como “odiador”. É um termo utilizado para definir pessoas que fazem uso de discurso de ódio na internet, através de postagem de comentários ofensivos e maldosos.

geral, começou de forma não-intencional, mais intuitiva, estimulados por seus pares. É completamente diferente da compreensão de “digital influencer” que possui uma equipe de marketing, um briefing³. Abaixo Verde, Cereja e Rosa elencam alguns dos principais desafios na utilização dessas ferramentas:

Eu acho que o maior desafio hoje nas redes sociais é lance dos haters. Até por isso que uma vez ou outra eu fico longe das redes sociais. Meu negócio é mais postar stories, fazer pouquíssimas publicações, o que não é certo né, vamos ser sinceros aqui, realmente, mas eu acho que eu fico mais feliz assim, porque é o seguinte infelizmente a maioria das redes sociais hoje elas estão muito tóxicas e com qualquer comunidade. Então eu acho que o maior desafio são os haters gratuitos que o pessoal dá nas pessoas e eu aceito muito críticas, vamos dizer assim, relacionados a uma coisa que eu digo ou falo de errado e não sabia o que eu falei de errado, vamos dizer assim, porque a gente fala algumas coisas desconstruídas, a gente distorce algumas coisas, ou quando mostram um trabalho meu e eu pergunto se as pessoas gostaram ou não. E aí eu aceito críticas (você pode melhorar isso e tals). Mas hater gratuito é uma coisa que doi muito e não é legal. Então eu acho que isso para mim é o maior desafio das redes sociais que infelizmente é bem difícil de aguentar. Fonte: Verde (2024).

A dificuldade é só lidar com o que as pessoas falam. Por que a partir do momento que você tem uma rede social pública, as pessoas às vezes se sentem no direito de falar o que quiserem e falar coisas que são preconceituosas ou absurdas. Acho que esse é o maior desafio. Já chorei muito por causa de pessoas que vinham comentar coisas estranhas nas minhas publicações. Mas, eu acho que hoje em dia eu sei lidar um pouco melhor com isso. Fonte: Cereja (2024).

Uma questão que às vezes algumas pessoas vêm reclamando para gente ‘Ah, porque o Tik tok, porque é autista de Tik tok’. Eu acho que, a questão, o problema não é o ativismo. O problema é a plataforma Tik tok, é plataforma do Youtube short, essas coisas que hoje em dia a mídia ela tá muito, tipo curta. E como eu disse, o autismo é um tema muito complexo, aí você tem um minuto de vídeo para falar. Ou você divide Twitter com uma limitação de caracteres, aí o Tik tok tem um minutinho para falar, e aí como você vai explicar um negócio super complexo em um minuto, um número pequeno de frases curtas. Você, por exemplo divide em várias partes, aí as pessoas não têm interpretação de texto e vê só um negócio isolado e entende tudo errado. Vê só aquele vídeo que era de uma série e não vê todos os vídeos da série ou vê só essa edição pequena, às vezes no Youtube, às vezes as pessoas fazem isso, tipo pega só um trecho de um vídeo que era maior para colocar lá, só que aí às vezes fora do contexto as pessoas não entendem. Só que é um problema, talvez, da nossa educação, que a gente tem que ensinar as pessoas a ir atrás da fonte, interpretar texto, e aí ela vê só uma coisinha pequena e acha que entendeu tudo, eu acho que existe um problema maior da nossa sociedade, de como a internet e a cultura está indo, que a gente quase que faz isso, porque se a gente questionar a atenção, ser recomendado pelo algoritmo, a gente precisa que as pessoas vejam, que as pessoas comentem, a gente precisa fazer isso de formas que sejam mais, é, não sei qual é a palavra, relacionável, tipo, você entende, o que a outra pessoa tá passando assim, Então a gente, a gente tem que simplificar para atingir as pessoas, mas ou mesmo tempo são temas super complexos. Então eu acho que existe um grande problema da sociedade em geral. Fonte: Rosa (2024).

Os dados apresentados mostram que a vigilância que os participantes desta pesquisa sofrem não é apenas algorítmica, é também de suas opiniões, de seus corpos. Demonstram a incapacidade da sociedade em geral de romper as barreiras atitudinais que podem ser observadas no uso das redes. É como se seus corpos não pudessem manifestar livremente seus processos de subjetivação, sob pena de serem rechaçados desses espaços. Corroborar-se a ideia de que “Em tais condições, não

³ É um conjunto de informações que servem para construir um produto, que pode ser consumido por um determinado público ou por perfis nas redes sociais.

é de espantar que as ciências humanas e as ciências sociais tenham se condenado por si mesmas a deixar escapar as dimensões intrinsecamente evolutivas, criativas e autopoicionantes dos processos de subjetivação” (Guattari, 2012, p. 18). No entanto, Vermelho enfatiza que também é tarefa dos ativistas causar “incômodos” na sociedade para buscar transformações:

Então, as redes sociais elas podem ser grandes aliadas, mas também podem ser grandes carrascos, aliás, grande parte dos ataques que ativistas adultos têm sofrido advém das redes sociais. Muitas vezes até de outros autistas ligados a grupos de extrema direita. Mas também já está havendo atrito entre autistas criadores de conteúdo e autistas marxistas. Eu vou até evitar de citar nomes porque eu não gosto de expor ninguém, mas infelizmente isso acontece também. Agora o que a gente precisa entender é que o papel do ativista é incomodar, é encher o saco, é puxar a orelha da sociedade para que ela reflita: e eu? A gente não pode ficar achando que só a preocupação, em si ela é suficiente para pressionar, é enfrentamento, é conflito. As grandes transformações, uma coisa que eu aprendi é que ao longo da história, ao longo da organização humana, as grandes transformações sociais só aconteceram porque antes tiveram conflitos. Muita gente teve que se sacrificar para gente fazer transformações coletivas. Muita gente até perdeu a vida. Então, é um negócio, a gente não pode ter medo de dar a cara a tapa, porque se não são os nossos inimigos que vão se beneficiar, porque isso para eles é interessante. Fonte: Vermelho (2024).

Essas repulsas sociais advêm de uma ideia de autismo que parte do princípio de uma disfunção do corpo, uma doença que gera padrões anormais de comportamento. Diante disso, pensar em um remédio, é a primeira coisa que é feito por uma equipe médica. No caso do autismo, se é compreendido pelo viés da loucura, pensa-se na ideia de purificação refletida por Michel Foucault (2002, p. 309), “[...] a loucura invoca toda uma série de terapêuticas, cada uma das quais pode ser associada a uma mesma operação de purificação”. É partindo desse pressuposto que ele descreve os remédios amargos como estratégia utilizada para purificar enquanto desgasta, corroendo o mal, tudo que é impuro ao corpo e à alma.

Na sequência, Rosa e Vermelho se colocam em relação às abordagens terapêuticas, que invadem clínicas e escolas. De acordo com eles, essas concepções têm como objetivo tão somente a busca pela impressão de uma suposta “normalidade”, e tornam desafiador lutar contra padrões que mercantilizam seus corpos.

As terapias têm como objetivo a normalidade né? ‘Ah, você só pode se comunicar pela fala, você tem que se comunicar de forma padrão, você não pode usar o comportamento como comunicação’. E às vezes até mesmo nos tirando as ferramentas que são necessárias para executar a tarefa né, como por exemplo, tem terapeuta comportamental que vai quer tipo, não querem que a gente não tenha, ou então eu vou ter professores, na área da educação. Vão querer que a gente não tenha acesso aos nossos hiperfocos e interesses especiais, até que a gente tenha completado a tarefa. Mas tipo, o que a gente precisa para fazer a tarefa é a conexão com o interesse especial, a gente precisa se movimentar, fazer a nossa regulação sensorial, para gente ser capaz de realizar uma tarefa. Ai eles dizem ‘Não, você só vai fazer isso depois que você fizer sua tarefa’. E acha o quê? Como eu vejo assim, um texto assim ‘Ah, constrói uma torre aí de lego’. Só que não deixa a gente levantar para pegar o lego. É, acho que é essa tentativa de planificar tudo, uniformizar as intervenções, principalmente quando a gente fala das intervenções comportamentais, é muito delicado. Fonte: Rosa (2024).

Os principais desafios eu entendo que são: a luta por acessibilidade, acessibilidades né, falando no plural, isso voltando para o movimento de pessoas com deficiência de um modo geral; a luta contra o capacitismo e a luta contra violações de direitos humanos; luta contra terapias abusivas, entre elas a própria terapia ABA, o MMS; a luta contra o charlatanismo da Medicina e da Psiquiatria quando o assunto é autismo. Eu diria que a indústria de ABA chegou numa

indústria de máfia, um mercado, nós fomos transformados em produtos, em objetos. Nós acabamos virando mercadorias nas mãos de alguns falsos especialistas que tem interesse apenas no lucro. Eu me sinto mal, eu acabo fazendo isso... não é necessário mencionar, até por uma questão de segurança jurídica, porque já teve ativista autista sofrendo ameaça de processo.
Fonte: Vermelho (2024).

Desse lugar, pondera-se que há uma tendência nessas abordagens a priorizar a regulação de movimento como estratégia de controle dos corpos de pessoas autistas que, de acordo com Vermelho, é executado pelo modo de produção capitalista. Sua perspectiva corrobora o pensamento esquizoanalítico de Deleuze e Guattari (2012a, p. 85), “Antes do ser, há a política”. Todas as questões que são abordadas acima não estão desconectadas das leis de mercado, que tratam atualmente o autismo como um produto extremamente lucrativo.

Foucault (2002) afirma que a loucura pode ser tanto uma imobilidade abafada, uma fixação obstinada, quanto desordem e agitação. Isso posto, entender o autismo e suas demandas comportamentais como algo a ser curado, perpassa por uma inadequação dessas pessoas às regras corporais impostas no mundo. O que os participantes reivindicam é que seus movimentos, hiperfocos, linguagens e comportamentos sejam, de alguma forma, também vistos como possíveis neste mundo.

As afirmações de Vermelho formam uma ode a toda e qualquer possibilidade de categorização universalizante ou estabelecimento de uma métrica padronizada para o desenvolvimento de uma estratégia terapêutica que anule singularidades e enquadre todos os autistas em uma espécie que funciona da mesma forma. Incluso nessa fala também há uma compreensão de que terapia não é apenas técnica, posto que a clínica também carrega consigo posições éticas e políticas.

Não se parece complexo entender o que há de vibrátil na fala de Vermelho, posto que essa discussão tensiona questões em um lugar que causa muita preocupação e dor aos autistas adultos. As palavras dos participantes têm direção e se remetem à mesma linhagem de pessoas a qual Antonin Artaud (1995), no seu tempo histórico, remeteu-se como “os piores porcos”:

Aqueles para que certas palavras têm um sentido, e certas maneiras de ser, aqueles que mantêm tão bem os modos afetados, aqueles para quem os sentimentos têm classes e que discutem sobre um grau qualquer de suas hilariantes classificações, aqueles que creem ainda em “termos” (Artaud, 1995, p. 210).

As discussões e contraditórios que se antecederam, sinalizaram a necessidade de refletir sobre impossibilidades de unificação de um discurso que categoriza os autistas em um único modelo de tratamento ou em uma única abordagem pedagógica. O argumento científico, que insiste em se evidenciar como verdadeiro e provável, que se centra no biológico, é uma linha tênue quando trata-se de pessoas que são pesquisadas em amostragens ínfimas.

O que é possível perceber é que há uma tendência em pensar o autismo, enquanto uma patologia, sob a via do paradigma médico, que emula um comportamento social, que disfarçadamente reproduz preconceito, capacitismo, traduzidos em uma ideia de possível cura para o autismo, quando é compreendido como um transtorno. O que se apresenta são tentativas de controle de “manias” que se apresentam nos seus corpos, uma espécie de higienização de comportamento, tidos como inadequados, que de acordo com Foucault (2002, p. 319), “[...] podem ser corrigidas através de um movimento regular. Não se trata mais, aqui, de recolocar o movimento, mas de ordenar a agitação, deter momentaneamente seu curso, fixar a atenção”.

Esse autor afirma que a noção de cura em pleno sentido advém da era clássica. A cura surge para suprimir toda a doença. “As etapas da cura, as fases pelas quais ela passa e os momentos que a constituem devem articular-se sobre a natureza visível da doença, desposar suas contradições e

perseguir cada uma de suas causas” (Foucault, 2002, p. 306). Para esse autor, toda cura é uma reflexão sobre si mesma, sobre a doença e sobre as relações que se estabelecem entre as duas.

Essa concepção de cura coloca os participantes desta pesquisa diante de um impasse entre uma ideia de “pertencimento”, uma dinâmica social pré-existente, e a necessidade de que essa ordem se organize de tal maneira que a existência de cada um deles faça sentido, por si só. Para eles não há outra opção que não seja ser o que são, pessoas autistas que possuem processos de subjetivação que são criados, também, a partir do autismo. De fato, o autismo compõe o que eles são, faz parte de como o corpo deles funciona. É o que pode-se observar nas falas dos participantes desta pesquisa:

Hoje a gente tem estudo e acesso à informação suficiente para saber que isso não passa de mentira e golpe e falácia mesmo. Infelizmente pessoas de má índole usufruem desse tipo de recurso para ganhar em cima de pessoas desesperadas, que têm menos acesso à informação, que têm menos acesso à instrução ou que não necessariamente têm menos instrução, mas estão desesperadas e se preocupam muito com a reputação também de ter uma pessoa com deficiência na família, de ter uma pessoa estranha na família. A gente sabe que historicamente as pessoas com deficiência foram isoladas não só em instituições, mas dentro de suas próprias casas. Sempre tinha um quartinho nos fundos ou no sótão para que essas pessoas fossem isoladas, principalmente as famílias de posses. Essas pessoas eram, nem se tinha conhecimento que aquela família tinha aquele filho ou aquela filha, o famoso, entre aspas, doentinho, doentinha, que não era exposto socialmente para não trazer essa vergonha e isso passa muito por essa estratégia, que algumas pessoas vêm utilizando no sentido de curar. Ao mesmo tempo isso também é um movimento que acontece em outros ativismos, em outros grupos, a cura para pessoa LGBTQIA+ já foi sustentada como uma ferramenta possível, porque tudo que foge do padrão precisa ser consertado, precisa ser trazido de volta. Tem a ver de certa forma também com o discurso religioso, principalmente o discurso religioso cristão, de salvar aquele que está perdido, a ovelha desgarrada precisa ser trazida de volta pro caminho da salvação. Essa simples pergunta relacionada à cura é atravessada por uma série de discursos e a gente precisa ter muito cuidado com isso, porque algumas pessoas se aproveitam disso para tirar vantagem de outras e se eu parto do ponto de vista, já falando de uma questão identitária, fugindo discurso biomédico de que qualquer transtorno de desenvolvimento é um defeito e partindo para uma perspectiva social e humana em que essas neurodiversidades constituem o sujeito e são constituídas por ele. Ao mesmo tempo, se eu quero uma cura para mim eu vou deixar de ser eu, porque eu sou quem eu sou por causa do autismo, como eu falei antes eu sou autista, eu não sou o autismo. Mas com certeza isso interfere na construção da minha personalidade, da minha identidade, assim como o TDAH hiperativo, assim como a superdotação em linguística. Então, eu não quero me curar de algo que faz eu ser quem eu sou, são as pessoas que precisam parar de querer curar aquilo que elas não entendem, aquilo que aparentemente, diferente a elas. O preconceito é que precisa de cura, é a discriminação que precisa de cura, são essas pessoas que precisam se curar de todo o capacitismo que elas carregam e não a gente que provoca um certo estranhamento com o que elas não estão habituadas, eu penso nesse sentido. Fonte: Grafite (2024).

Se tivesse uma cura pro autismo... é porque se tivesse uma cura assim, seria como se tivesse como colocar outra que não sou eu, porque eu nasci e funciono assim desde sempre, então, eu acho eu não. Parece assustador a ideia de eu ter que mudar e ser uma outra pessoa totalmente diferente da que eu sou. Fonte: Cereja (2024).

Porque não se cura identidade, não se cura uma identidade neurodiversa. Isso é uma bobagem, isso é besteira. Tá dando outro tiro no pé. Fonte: Vermelho (2024).

Eu já falei para você que eu não consigo me ver de outra forma e também porque eu já nasci com meu autismo e tals. E eu acho que só pelo fato de eu tomar alguma coisa, que tipo faria com que eu não fosse mais essa pessoa que eu sou hoje, que eu não fosse mais essa pessoa que

eu já sou hoje em dia, feliz, eu acho que não seria uma jogada muito interessante. Então vamos dizer assim, eu curar o meu autismo eu acho que seria bem perigoso, porque o autismo apesar dele ter tido histórico de atraso de fala e tals, atraso na movimentação, ele também me trouxe benefícios, me trouxe bastante lição de passar paras pessoas que existe esperança, que existe esperança, que existe tratamento, fora que eu consegui hoje em dia trabalhar com minha própria independência e também provar para comunidade que a inclusão é muito importante em diversas áreas de escola, universidade e trabalho. Fonte: Verde (2024)

Como é que isso funcionaria na prática? Porque é tipo dizer que tipo “Ah, você toma esse remédio aqui, vai nascer 20 braços (risos). Quando você compreende realmente o que o autismo, o que é uma neurodivergência e como isso tá tão intrínseco em toda formação, do quê que a pessoa é né? A gente chama de neurodesenvolvimento, neuro de cérebro e desenvolvimento, ao longo da vida inteira, a teoria genética, tipo, daí quando você vai tomar uma pílula, você vai se transformar em uma pessoa diferente? E outra coisa né, que autismo e neurodivergência são ainda mais, tipo assim, já existe essa questão, não que eles dois, depois que houve o avanço da medicina, a gente fez cirurgia para restaurar a visão de algumas pessoas que nasceram cegas, tem pessoas que fazem essas cirurgias e elas continuam cegas, mesmo enxergando porque o cérebro delas se desenvolveu de forma cega. Então elas continuam vivendo de forma cega mesmo enxergando. Então, isso, porque é só o recente ao cérebro, porque o cérebro se desenvolveu de forma a esse sentido. Mesma coisa nas pessoas surdas, às vezes a pessoa nasceu surda, aí ela usa um aparelho, mas continua vendo de forma surda, mesmo com o aparelho escutando, só coisas adjacentes. Então, agora você imagine, isso só coisas adjacentes, agora imagine uma coisa de origem genética, que é a forma como seu cérebro foi construída a sua vida inteira, é tipo, literalmente não faz sentido nenhum, quando você entende o que o autismo é. Algumas pessoas tem um mito de que ‘Ah, existe uma criança escondida atrás do autismo’. Um outro autista... é, agora sumiu o nome dele, o autor do texto ‘Não chore por nós⁴’ eu esqueci o nome dele, mas enfim. Eu acho que vou botar no google aqui e encontro. Mas ele diz assim, ‘Não existe criança escondida atrás do autismo’. A imagem que você tem do seu filho, na verdade é uma criança imaginária que só existe na sua cabeça, isso não é seu filho, você tá imaginando outra pessoa no lugar dele, que não é ele. Fonte: Rosa (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é possível observar nesses discursos é que os participantes não entendem o autismo como algo patológico, apesar de toda a carga sintomática que advém do diagnóstico. Alguns deles, mesmo com a opção de haver um remédio para tal sintomas, afirmaram que se recusariam a fazer uso. A sinalização da fala de Verde, por exemplo, demonstra que ainda que existam dificuldades, o autismo se apresenta como algo positivo na vida dele, proporciona-lhe acesso a espaços que sem o autismo, ele não adentraria. Nesse sentido, Canguilhem (2009) afirma que modificações constantes em um organismo poderia gerar não uma “ordem”, mas uma “nova desordem”.

Curar, apesar dos déficits, sempre é acompanhado de perdas essenciais para o organismo e, ao mesmo tempo, do reaparecimento de uma ordem. A isso corresponde uma nova norma individual. Pode-se compreender o quanto é importante reencontrar uma ordem durante a cura se atentarmos para o fato de que o organismo parece, antes de tudo, querer conservar ou adquirir certas peculiaridades que lhe permitirão construir essa nova ordem. É o mesmo que dizer que o organismo parece visar, antes de tudo, à obtenção de novas constantes. Encontramos eventualmente, durante a cura — e apesar dos déficits que persistem —, transformações, em certos campos, em relação ao passado, mas as propriedades tornam-se novamente, constantes (Canguilhem, 2009, p. 63).

⁴ O autor desse texto é Jim Sinclair. Foi publicado na Revista da Rede Internacional de Autismo (*Autism Network International*), Nossa Voz, volume 1, Nº 3, 1993. O texto é um fragmento retirado do discurso apresentado na Conferência Internacional de Autismo realizada em Toronto, dirigido especialmente aos pais de autistas.

Esse autor compartilha do pensamento de que há uma “irreversibilidade da normatividade biológica”. Portanto, partir do pressuposto de que a cura estabeleceria algo próximo de uma ideia de normalidade biológica é um equívoco. Porém, ressalta-se aqui que há sintomas que advém do “ser autista”, que podem ser contornados por meio de utilização de tecnologias assistivas, adaptações laborais, tratamentos terapêuticos e, também, utilização de fármacos de forma adequada, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas autistas. Ainda que não exista um medicamento propriamente criado para superação direta do autismo, entendendo que, sempre que possível, é necessário que cada caso seja examinado com rigor para reduzir sintomas⁵ secundários ao autismo em si, pois estes, de fato, podem causar danos extremos e irreversíveis a essas pessoas.

“Se a loucura é fruto de um fracasso moral, temporal e socialmente localizável, sua cura será, inversamente, a introdução do louco na ordem do tempo e das normas sociais” (Pelbart, 2021, p. 179). Considera-se que na mesma moldura rasa de uma ideia de possível cura, também está o preconceito e o capacitismo exposto por uma parcela da sociedade que insiste na normalização e na categorização. É algo muito presente e doloroso no cotidiano das pessoas autistas, como é possível observar no relato de Cereja:

Eu acho tudo bem falar assim, no geral, não entrar em muitos detalhes porque é um pouco doloroso. Mas, já sofri sim, desde quando eu nem entendia o que era preconceito e que era preconceito, que foi na infância. Mas as pessoas com deficiência têm isso né, de ter um histórico de sofrimento desse tipo desde a infância e para mim não foi diferente. Então, já sim, só não gostaria de entrar em detalhes, mas já sofri. Fonte: Cereja (2024).

Ao longo de suas entrevistas, Vermelho e Verde também se colocam, através de suas falas, como porta vozes da luta de pessoas autistas contra o preconceito que insiste em retirá-los de territórios que lhes são garantidos por lei, como educação e postos de trabalho, por exemplo, diante da negação do suporte necessário a cada demanda específica.

Meu desejo é que os autistas parem de sofrer capacitismo, seria até uma coisa piégas [...]. Mas meu desejo principal é que o capacitismo acabe e que a gente tenha oportunidade de acesso ao mercado de trabalho, ao ensino superior, que a gente tenha direito. Eu posso ter garantido condições de permanência no ensino básico e no ensino superior e no mercado de trabalho. Que a gente possa ter projeto de vida, que os autistas possam escolher por si próprios, sem ter que ficar dependendo do governo de terceiros. Lógico, isso não significa que de vez em quando a gente não precise de suporte. Todo autista precisa de suporte, independentemente do nível, não importa se é um nível de suporte maior, mais intenso ou menos intenso. Todo autista precisa de algum tipo de suporte, independentemente do nível. Fonte: Vermelho (2024).

Eu acho que seria muito legal garantir a cura do preconceito, no geral, tantas pessoas. Porque isso para qualquer preconceito, não só com autismo tá? Qualquer comunidade, eu falo, acho que seria muito legal trabalhar com a inclusão e a gente viver num mundo perfeito, sem nenhum problema, mas isso infelizmente é uma coisa que não acontecerá jamais. Mas é muito importante isso e é muito importante pedir, para que pelo menos a maioria das pessoas tenham paciência e tenham a consciência de que é muito importante a inclusão no autismo e para qualquer outra comunidade. Fonte: Verde (2024).

⁵ Como exemplos cito o chamado “*Meltdown*” (que significa derretimento, é uma espécie de colapso do sistema nervoso que ocorre a partir de altos níveis de ansiedade e angústia) e “*Shutdown*” (que significa congelamento, e faz com que o autista fique paralisado ou que se isole).

[...] o autismo enquanto transtorno, ou aquilo como decidam nomeá-lo por meio de classificações baseadas em modelo médico, é uma construção social que supervaloriza o déficit, a doença, o sintoma, a anormalidade, a invalidez, o capacitismo, em prejuízo da pessoa COM e EM sua subjetividade, daquele que, em inúmeras ocasiões e contextos, nem sequer é concebido ou visto como sujeito, porém sumariamente definido como indivíduo fora da norma, um patologizado, um incapaz, um estranho que precisa ser tutelado, consertado, normalizado ou, quem sabe, com o avanço da ciência, curado de sua moléstia ou, para os mais incultos, exorcizado de sua maldição. A violência contra o autismo é corpulenta (Orrú, 2024, p. 20).

É desafiador pensar que, sobretudo no nosso tempo histórico, algumas camadas do senso comum, que objetivam exaltar a singularização por meio dos movimentos identitários, ignoram que a multiplicidade não é uma sentença, um axioma, um rótulo, com a função de repetir uma tipificação. Deleuze e Guattari (2012a) afirmam que a multiplicidade não está nas identificações, mas nas linhas que compõem suas intenções. Se mudamos as intenções, também se mudam as multiplicidades.

Segundo Deleuze, a diferença não necessita ser literalmente explicada, ela apenas existe, é parte da pessoa. É na compreensão da diferença, proposta por esse autor, que nada é igual, nem pode ser igualada, nem mesmo consigo mesma, rompendo com a identidade. “Explica-se a diferença, mas, precisamente, ela tende a anular-se no sistema em que é explicada. Isto apenas significa que a diferença é essencialmente implicada, que o ser da diferença é a implicação.” (Deleuze, 1988, p. 206 e 207).

Assim, descreve-se o *Devir Autista*, como uma possibilidade de criação, de indeterminação, de fuga das formatações das identidades. Evadindo de pressupostos, daquilo que está posto hermeticamente pela ciência - que pré-determina um conceito, comportamentos e inaptidões, em detrimento das multiplicidades e dos processos de subjetivações. De acordo com Deleuze (2011, p. 87-88), “A imagem não é só trajeto, mas devir. O devir é o que subtende o trajeto [...] é o trajeto que faz do imaginário um devir”. Essa terminologia performa nesta pesquisa, a partir de uma realidade emergente e que para nós está localizada em um espaço de transição de compreensões, que se dispersam da literatura médica.

Deleuze (1992, p. 214) defende que “[...] uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. [...] O povo é sempre uma minoria criadora, e que permanece tal, mesmo quando conquista uma maioria”. Com essa passagem, esse autor reforça que a busca por criação de estratégias de sobrevivência, por uma suposta minoria, perpassa pela sua atuação política. É nesse escopo que localiza-se a *Primavera Autista*, compreendendo-a como uma possibilidade política de linha de fuga, em um espaço impregnado por estereótipos que fixam as pessoas autistas em um molde de identidade.

Portanto, a *Primavera Autista* pode ser conceituada como a destituição do primado da *Identidade Autista* - que fratura corpo e mente, limitando a possibilidade da criação da novidade - para a exaltação da força das intensidades que está na destituição da normalidade. A *Primavera Autista* se desfaz dessa fratura, para exaltar o corpo em potência de trocas, de afetações - o mesmo que está no entre, nos processos de subjetivações e nas singularidades de cada pessoa autista. Esta definição problematiza diretamente a categorização do autismo, realizada pelo paradigma biomédico, na medida em que toma para si questionamentos de dispositivos que se apropriam de signos; fórmulas forjadas de tratamento de sintomas; métodos de ensino; e possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem relacionadas às pessoas autistas.

É matéria de interesse deste artigo sugerir, especialmente, como as relações se estabelecem em prol dos processos de subjetivação desses jovens e adultos. Esta pesquisa demonstrou a forma como isso reverbera em possibilidades político-pedagógicas de educação não-formal dentro do ciberespaço, mas também por fora do mesmo, dentro de uma cultura participativa. No entanto, a mesma não se apresenta como um fim, ao contrário, pretende ser apenas um contributo para

pesquisas outras que envolvam as redes sociais, pessoas autistas e perspectivas de práticas que se manifestam no campo da cibercultura. O autor Henry Jenkins (2009, p. 29-30) explica que,

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. [...] A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente que outros.

É nesse universo que esses jovens e adultos performam perfis e se colocam como influenciadores digitais – pessoas que estão em constante conexão com o mundo real e virtual – tentando romper bolhas digitais⁶ de engajamento, que têm como principal objetivo a exclusão. De certa forma, eles atuam no ciberespaço como ciborgues⁷ – híbridos de máquina e organismo; evadidos de conceitos como sujeito e indivíduo. De acordo com Donna Haraway (2023, p. 45), “[...] meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político”. Essa é a tarefa política emergencial dos jovens autistas que circulam por nossas linhas.

Contribuições dos Autores: Teles, P. S.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica do conteúdo intelectual.

Aprovação Ética: Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe. CAAE: 66678323.5.0000.5546.

Agradecimentos: “Não aplicável”.

REFERÊNCIAS

- Artaud, A. (1995). *Linguagem e vida*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Babo, I. (2017). Redes e ativismo. In: Di Felice, M.; Roza, E.; Pereira, E. *Net-ativismo: Redes digitais e novas práticas de participação*. Campinas: Papyrus Editora, p. 77-88.
- Bruno, F. (2008). Tecnologias de informação e subjetividade contemporânea. *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. <https://comciencia.br/dossies-73-184/web/handler811a.html?section=8&edicao=33&id=384>
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 6.ed.
- Deleuze, G. (2011). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34.

⁶ “As bolhas digitais devem ser vistas como fronteiras dos territórios informacionais, como zonas de controle para garantir privacidade, segurança e proteção” (Lemos, 2010, p. 86). Assim, elas ditam sobremaneira o território por onde as informações poderão avançar ou não.

⁷ “O ciborgue é um tipo de eu – pessoal e coletivo – pós-moderno, um eu desmontado e remontado” (HARAWAY, 1985, p. 63-64).

- Deleuze, G. (1988). O abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista a Claire Parnet, em vídeo. Dirigido por: Pierre-André Boutang. Tradução e legendas: Raccord [com modificações]. Paris: Éditions Montparnasse.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (2012a). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 3. São Paulo: Editora 34. 2 ed.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (2012b). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 4. São Paulo: Editora 34. 2ª ed.
- Di Felice, M. (2017). Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo. 1ª ed. São Paulo: Paulus Editora.
- Ferabolli, S. (2015). A liga árabe de estados e a projeção internacional de uma identidade coletiva árabe. *Século XXI: Revista De Relações Internacionais. ESPM*, 3(2), 85–94. <https://sumario-periodicos.espm.br/xxi/article/view/87>
- Foucault, Mi. (2002). História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Guattari, F. (2012). As três ecologias. 21ª ed. Campinas: Papiros.
- Haraway, D. (2023). Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final século XX. In: Haraway, D.; Kunzru, H.; Tadeu, T. (orgs). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.
- Jenkins, H. (2009). Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. 2. ed. São Paulo: Aleph.
- Orrú, S. E. (2024). O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade. Petrópolis: Vozes.
- Pelbart, P. P. (2021). Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão. 2. ed. São Paulo. Iluminuras.

Recebido: 17 de agosto de 2025 | **Aceito:** 22 de dezembro de 2025 | **Publicado:** 29 de dezembro 2025



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.